



## **Conceitos sobre “religião” nas concepções de Hanegraff Wouter, Rubem Alves, Sérgio da Mata e Emile Durkheim em diálogo com o espiritismo**

Eliane Cassimiro Gonçalves Oliveira

**Resumo:** Este artigo analisa as diversas abordagens sobre o Espiritismo como objeto de pesquisa na história, a partir das concepções teóricas de Rubem Alves (1999), Sérgio da Mata (2013), Wouter Hanegraff (1997), Emile Durkheim (2000) suas implicações e relação com a postura do historiador frente aos seus objetos de estudo. Aprofundaremos conceitos acerca do Espiritismo desde a sua gênese, contextos históricos, seu desenvolvimento e expansão, breves considerações acerca do percurso histórico do Espiritismo na França e no Brasil. Analisaremos acerca de alguns conceitos sobre religião na perspectiva dos autores citados, com o intuito de perceber o papel que a religião desempenha no campo social, construção de identidades e a formação de valores. Nas considerações finais procuram-se mostrar como a diversidade religiosa é percebida nos escritos e a criticidade em relação às abordagens dos autores, e a maneira que compreendem os seus objetos sagrados, rituais, conceitos simbólicos, e o modo que esses integram-se à sua experiência religiosa.

**Palavras-Chave:** Espiritismo; conceitos; religião; diversidade religiosa.

### **Introdução**

O presente estudo tem por objetivo analisar as diversas abordagens sobre o Espiritismo como objeto de pesquisa na História, a partir das concepções teóricas de Rubem Alves (1999), Sérgio da Mata (2013), Wouter Hanegraff (1997), Emile Durkheim (2000), suas implicações e relação com a postura do historiador frente aos seus objetos de estudo.

Tomar o Espiritismo por objeto de estudo, comumente, deságua em dois caminhos: um que pode ser documental, a partir de registros históricos já produzidos por outros historiadores; outro, a partir da pesquisa empírica que pode (ou não) se debruçar sobre o passado e o presente, comumente a partir da história oral. Em nosso trabalho final de mestrado (dissertação) pretendemos fazer uso de ambos.



Essa opção se deve ao fato de entendermos que é importante perceber as implicações da metodologia oral no desenvolvimento da pesquisa empírica e conceber os instrumentos possíveis que nos guiam a direções seguras para a reconstrução de processos históricos, e avistá-los como instrumentalização para ampliar os horizontes da pesquisa de campo.

Tomando o Espiritismo por objeto de pesquisa, faz-se necessário zelo para tratá-lo como categoria de estudo e não assumir uma defesa ou crítica simplista do objeto. Trata-se de uma vertente religiosa de cunho espiritualista que surgiu na França, em meados do século XIX, quando o pedagogo Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec, publicou uma série de livros sobre os fenômenos metafísicos e psicológicos que estavam em voga naquele período. De acordo com os ensinamentos de Kardec, podemos afirmar que o Espiritismo se coloca em diálogo com sistemas religiosos, doutrinas científicas, filosóficas e políticas, assumindo formas peculiares nos variados contextos em que se inseriu, revelando-se, assim, uma interessante possibilidade de pensar a diversidade de experiências religiosas no âmbito social e cultural do mundo e do Brasil.

Desta forma, a História possui como função precípua apontar à sociedade explicações de gênese e contextos entre passado e presente. Sendo o campo das religiosidades e crenças parte fundamental e presente em toda a história da humanidade, nada mais necessário do que tratar desta temática atravessada por contextos atuais.

Diante do exposto o presente estudo adota uma análise acerca de alguns conceitos sobre “religião” e o objeto a ser estudado, o “Espiritismo”, visando compor uma primeira revisão da literatura para um trabalho mais amplo (dissertação), e, portanto, a partir de fontes secundárias: livros, artigos, ensaios etc., acerca do tema.

### **Breves considerações acerca do percurso histórico do espiritismo na França e no Brasil**

O Espiritismo surgiu na França no século XIX, através do trabalho do pedagogo e escritor Allan Kardec. Ele estudou fenômenos da manifestação dos espíritos e sistematizou os princípios da doutrina Espírita, através de cinco livros principais, que são reconhecidos como



bases do Espiritismo. São eles: a) O Livro dos Espíritos (1857), na qual ele apresentou uma série de perguntas e respostas ditadas por espíritos por meio de médiuns. Essas perguntas abordaram como a imortalidade da alma, a natureza dos espíritos, a reencarnação e as leis morais; b) O Livro dos Médiuns (1861), através da qual investigou os fenômenos mediúnicos e forneceu orientações sobre o desenvolvimento e a prática da mediunidade. Também aborda temas como obsessão espiritual, identificação dos bons e maus espíritos, e os limites da comunicação com o mundo espiritual.

E ainda, c) O Evangelho Segundo o Espiritismo (1864), onde ele apresenta a interpretação Espírita dos ensinamentos de Jesus Cristo contidos nos Evangelhos do Novo Testamento. Kardec analisa as lições morais e éticas trazidas por Jesus, adaptando-as à perspectiva Espírita; d) O Céu e o Inferno (1865), livro em que explora a vida após a morte, descrevendo os estados espirituais que as almas podem alcançar no mundo espiritual. Também apresenta os conceitos de céu, inferno e purgatório, de acordo com a visão espírita; e, por fim, e) A Gênese (1868), obra na qual aborda a explicação espírita para a criação do universo, a formação da Terra, a origem do homem e os princípios filosóficos e científicos relacionados ao Espiritismo.

Ainda no século XIX, o Espiritismo também encontrou terreno fértil no Brasil e diversos nomes contribuíram para a disseminação e consolidação desta corrente no país. Podemos destacar por principais expoentes do Espiritismo desde sua chegada ao Brasil: a) Bezerra de Menezes, médico e escritor, foi, sobretudo, um defensor do espiritismo e da caridade, ele foi responsável por fundar instituições espíritas e por promover o desenvolvimento da doutrina no país. b) Yvonne Pereira, escritora e médium, que contribuiu para a literatura Espírita brasileira com obras como "memórias de um suicida"; c) Chico Xavier, um dos médiuns mais conhecidos no mundo, desempenhou um papel fundamental na divulgação do Espiritismo no Brasil. Através de sua mediunidade, ele psicografou uma vasta quantidade de livros, disseminando mensagens e ensinamentos Espíritas; e d) Divaldo Franco, reconhecido como um dos maiores oradores Espíritas, ainda vivo e divulgador da doutrina. Por meio de suas palestras e atividades filantrópicas, ele contribuiu significativamente para a expansão do espiritismo no país.



O Espiritismo brasileiro vem se caracterizando por uma abordagem ampla com uma variedade de correntes e Centros Espíritas que promovem estudos, práticas mediúnicas e busca pelo crescimento espiritual. Dos nomes acima citados merecem atenção Bezerra de Menezes e Chico Xavier e, sobre o contexto de vida do primeiro, expõe-se que:

Em 1989, Bezerra de Menezes assumiu a presidência da FEB pela primeira vez e tão logo passaria a executar uma tentativa de aproximação dos grupos espalhados pelo país através do primeiro Congresso Espírita Brasileiro, seguido da assembleia que efetivaria a um regime federativo como lei orgânica do espiritismo no Brasil. Seria também sob a orientação de Bezerra de Menezes que a FEB adotaria uma doutrinação mais acessível e popular, visando um público mais homogêneo em vez das plateias mais eruditas das conferências que atraíam as camadas mais letradas da população. (PRESOTI, 2021. P. 452).

Percebemos nas palavras do autor os esforços que Bezerra de Menezes teve em aproximar grupos, fortalecer seus membros e em sua gestão procurava consolidar princípios Espíritas e promover o desenvolvimento do Espiritismo no Brasil.

A FEB – Federação Espírita do Brasil tem como missão “Oferecer a Doutrina Espírita ao ser humano por meio do seu estudo, prática e difusão, pela união solidária dos espíritas e unificação das instituições espíritas, contribuindo para a formação do homem de bem”. Entendemos assim ao revisitar o site oficial da FEB que a maior preocupação da Federação, é unificar as instituições espíritas do Brasil.

Conforme informações no site da FEB a sede fica em Brasília, está instalada em um conjunto arquitetônico de três edifícios: um à frente de todo o conjunto, com cerca de 5.300 metros quadrados de área, sendo os outros dois denominados Colmeia e Unificação.

Complementando informações sobre dados do Espiritismo no Brasil, o levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) feito em 2010 apontou 3.848.876 milhões de Espíritas declarados no país, que foi o lugar onde encontrou um singular e fértil terreno para prosperar.

Assim sendo compreendemos por esses dados apresentados pelo IBGE que o Espiritismo em crescente posição no campo das religiões e pelo crescente número de pessoas declaradas conforme informação exerce forte influência na cultura e na sociedade brasileira, nas áreas de saúde espiritual, filosofia e caridade. Sobre a posição do Espiritismo na sociedade brasileira (LEGOY, 2001) declara que:



Chico Xavier é o espírita modelar porque praticamente tudo em sua vida e obra dão testemunho do sistema de valores do espiritismo kardecista, além de realizar, como nenhum outro médium, o ideal de uma “Inter autoria” ou parceria autoral psicógrafo versus espírito. Essa parceria, em verdade, é a afirmação de uma dependência voluntária dos homens perante a esfera religiosa, cuja máxima expressão é uma espécie de renúncia a uma vida ordinária, exemplificada pela biografia do médium. (LEWGOY, 2001, P.55).

Dessa forma, Lewgoy quer dizer que Chico Xavier foi além das barreiras convencionais associadas à religião, mostrava que seus exemplos serviram como fonte de inspiração, ele trouxe conforto espiritual para pessoas que o procuravam, não se preocupava com a religião ou crenças dessas pessoas. Assim o seu intuito era promover o auxílio individual e também coletivo.

Nota-se que há no Brasil um movimento Espírita demograficamente abrangente e rico de interpretações. Assim, Bertarello afirma que “o contingente Espírita é bastante relevante no campo religioso brasileiro quando comparado com as denominações específicas dos outros contingentes”. (BETARELLO, 2009, p. 62). O referido autor, desta forma, coloca o Espiritismo em crescente posição diante de outras religiões, confirmando a abrangência desta religião em relação ao Brasil.

E compreendendo essa posição crescente no campo religioso no Brasil, (LEWGOY 2000, p. 89), atribui-se a isso a importância de atentar, “a perspectivas da etnografia da leitura com análises da organização das conversas na prática kardecista”. Assim podemos entender que o Espiritismo ocupa uma posição muito particular no quadro das religiões, sendo uma corrente filosófica muito importante na modernidade. A princípio consideramos o existente diálogo, a partir de observações racionais e cientificista, o que configura ser uma religião da cultura escrita, religião do livro, da leitura e do letramento.

Disso, pode-se extrair que o movimento Espírita possui aspectos singulares e distintos de outras matrizes religiosas anteriores por estar situado em um contexto de cultura moderna, de adeptos marcados pela instrução formal, dentre outras. Assim vale considerar que para se compreender o momento histórico no qual Kardec está inserido, a Europa se caracterizava nessa época pela intensa agitação nos meios intelectuais, pelo antidogmatismo que opunha a ciência à religião. Nesse contexto, os defensores da pesquisa científica e da razão como motor do progresso procuravam questionar as “verdades” defendidas e impostas pelas igrejas cristãs e



propunham a liberdade de investigação e debate sobre os fenômenos humanos e naturais. (VILHENA, 2008 p.50-51).

Observamos que o Espiritismo desde o seu surgimento propõe aliança da ciência com a religião, afirmando que pode apresentar respostas para as questões filosóficas, com vistas a evolução e progresso do ser humano, tanto que podemos verificar no “Evangelho Segundo o Espiritismo” a seguinte percepção de que seria uma:

Nova ciência que vem revelar aos homens por provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e suas relações com o mundo corporal; ele no-lo mostra, não mais como uma coisa sobrenatural, mas ao contrário, como uma das forças vivas e incessantemente ativas da natureza, como uma fonte de uma multidão de fenômenos incompreendidos, até então atirados, por essa razão ao domínio do fantástico e do maravilhoso. (KARDEC, 2009, p. 27).

Desta forma, para Kardec, o Espiritismo se insere na sociedade com a finalidade de trabalhar o aspecto espiritual das pessoas, mas também as ajudando a refletir sobre isso cientificamente e filosoficamente.

Para que possamos tratar do Espiritismo como objeto de pesquisa na História, será fundamental compreender as reflexões dos autores: Alves (1999), Da Mata (2013), Hanegraff (1997) e Durkheim (2000), acerca da religião, e da postura do historiador frente aos seus objetos de estudo, uma vez que, toda pesquisa no campo da religião precisa atender perspectivas do atual pluralismo religioso e trazer a compreensão das relações de qualquer religião com outra ou com ela mesma. No seguinte tópico analisaremos alguns conceitos de religião a partir dos autores mencionados.

### **Conceitos sobre religião e concepções dos autores: Hanegraaf, Rubem Alves, Sérgio da Mata e Durkheim**

Para começarmos o nosso diálogo sobre alguns conceitos acerca da religião, apontados pelos autores supracitados, é indispensável considerar suas abordagens com o intuito de elaborarmos a nossa própria compreensão e fazê-la tornar significativa para nosso trabalho. É preciso pensar na historicidade para a construção do conhecimento, processos históricos para entender que a religião em cada período histórico sofreu forte influência de outros setores da sociedade,



como também influenciou vários, e assim de maneira singular ou até mesmo por pequenos grupos, a religião era compreendida conforme os padrões sociais de cada vertente histórica.

Desse modo sem considerar o conjunto dos fatos religiosos em si mesmos ou comparados enquanto manifestações culturais e históricas da cultura humana, se torna impossível analisar conceitos e sobretudo compreender as abordagens e concepções de cada um dos autores estudados.

Seguimos nosso estudo na busca de compreender alguns conceitos e o primeiro conceito analisado é de (RUBEM ALVES, 1999), o qual acerca da religião nos afirma o seguinte:

“Religiões são ilusões, realizações dos mais velhos, mais fortes e mais urgentes desejos da humanidade. Se elas são fortes é porque os desejos que elas representam o são. E que desejos são estes? Desejos que nascem da necessidade que tem os homens de se defender da força esmagadoramente superior da natureza”. (ALVES, 1999 p. 53)

Pelo escrito do autor percebemos que as variedades de religiões existentes têm o seu valor, dentre eles, satisfazer as necessidades e os desejos mais íntimos da humanidade de todos os tempos, o poder de nutrir o ser humano em suas necessidades emocionais e espirituais e abastecer suas forças para o seu propósito existencial. Assim cada religião com seus rituais, práticas ou simbologia desempenham a sua função enquanto instituição sagrada, favorecendo a seus adeptos o auxílio na atribuição de significado e sentido para sua existência.

Desse modo compreendemos ainda que para Alves, a religião é permeada de símbolos, desejos e horizontes, assim sendo, diversa e rica experiência humana, que vai muito além do milagre que as pessoas almejam encontrar no imediatismo.

Partindo desse ponto citamos (DA MATA, 2013), o qual acerca do conceito de religião, nos aponta que é:

Uma força capaz de gerar efeitos sociais concretos, de regular com maior ou menor êxito uma conduta de vida, de moldar com maior ou menor sucesso algumas das estruturas de pensamento por meio das quais aprendemos a nos relacionar com o mundo. Pois se há uma coisa que as religiões demonstram, desde sempre (algo que um marxismo dogmático nunca pôde admitir), é a efetividade histórico social das ideias” (DA MATA, 2013, p.22).

Nas palavras de Da Mata percebemos em seus apontamentos, que a religião influencia no modo pelo qual as pessoas se comportam em sociedade, ou seja, como elas vivem suas vidas,



considerando o intrapessoal e interpessoal, no social. Assim a religião pôde desde sempre realizar um importante papel, de ajudar pessoas a repensar um padrão social de maneira a favorecer comportamentos, diretrizes morais e conduta ética nas relações.

Dessa maneira sob um olhar mais ampliado (HANEGRAAF, 2017) diz que religião é: “um sistema simbólico, incorporado em uma instituição social, que influencie as ações humanas, oferecendo possibilidades para manter contato ritualisticamente entre o mundo cotidiano e um quadro metaempírico mais geral de significados”. (HANEGRAAF, 2017, p.239).

Compreendemos dessa forma que uma religião pode favorecer a trajetória de busca espiritual, ou seja, a busca pelo transcendente estabelecendo conexões espirituais, assim ele sugere que essas práticas permeiam as relações: individual e a social.

Continua especificando (HANEGRAAF, 2017) “que uma espiritualidade compreende qualquer prática humana que mantenha o contato entre o mundo cotidiano e um quadro metaempírico mais geral de significados por meio da manipulação individual dos sistemas simbólicos” (HANEGRAAF, 2017, p.239).

Desse ponto entendemos a definição de metaempírico nos possibilita atribuir o mesmo sentido para alma imortal, ou seja, que esta não é possível de se comprovar ou experimentar pelos sentidos sensoriais. Dessa forma com o pensamento Hanegraff, percebe-se que há similaridades e conexão com o objeto em estudo “o Espiritismo”, que tem como um dos princípios básicos a imortalidade da alma, constituindo a dimensão inteligível. Nesse sentido o espírito imortal coexiste também nesse campo metaempírico.

Numa dimensão mais aprofundada o autor atribui significado à espiritualidade, pode ser vista numa cosmovisão e analisada como uma prática humana que transcende o dia a dia, nesta busca o ser humano almeja algo que preencha o seu ser de mais sentido.

Partindo desse ponto é que o pesquisador enquanto historiador deve assumir o seu papel, buscando compreender o processo de inserção da religião no contexto social, abster-se de juízo de valor e fé. Assim deve perceber que todo objeto de pesquisa precisa te oferecer informações, confirmar ou não a sua hipótese. Seguindo o pensamento de (HANEGRAFF, 2017) entendemos que é possível analisar a religião numa perspectiva sistemática, a qual se define como o estudo focado nas ações humanas e seus significados, como numa perspectiva histórica, que é dirigida



ao estudo dos eventos, processos históricos que aconteceram no passado e a forma que influenciam o presente.

Ainda na concepção de (HANEGRAFF, 2017), na citação seguinte ele argumenta que:

Uma das formas possíveis de escrever a história da *Religionswissenschaft* seria descrevê-la como uma série de estratégias inventadas para resolver – ou pelo menos reduzir – a tensão entre uma perspectiva sistemática e uma perspectiva histórica sobre religiões. É claro que sem a perspectiva histórica, baseada em uma investigação empírica detalhada e contextual de tradições específicas e fenômenos na cultura humana, a ciência da religião não teria qualquer material com que trabalhar. Mas sem pelo menos uma perspectiva sistemática rudimentar (que aspira a afirmações gerais sobre religião, religiões ou fenômenos religiosos), a disciplina é incapaz de definir e demarcar seu próprio objeto, e se desfaz numa variedade de especificações. (HANEGRAFF, 2017, p.202- 203)

O autor dessa maneira ressalta a importância dos dois processos: históricos e sistemáticos, tanto um quanto o outro são necessários para compreender de maneira precisa o conceito sobre religião, para que possa favorecer na construção do conhecimento nos diversos contextos históricos. Refletimos ainda que para Hanegraff, é importante compreender conceito histórico de religião ao realizar pesquisas empíricas, mas sendo necessário também levar em conta as dimensões universais e transcendentais da religião.

Este autor aponta que a ciência da religião não teria qualquer material com que trabalhar caso não se fundamentasse nos dados históricos. Mas sem pelo menos uma perspectiva sistemática rudimentar (que aspira a afirmações gerais sobre religião, religiões ou fenômenos religiosos), a disciplina é incapaz de definir e demarcar seu próprio objeto, e se desfaz numa variedade de especificações.

Desse modo, compreendemos sua afirmação, o quão necessário é perceber as diversas manifestações, levando em consideração crenças, práticas religiosas e as influências culturais, sociais e políticas e dessa maneira analisar os seus impactos na sociedade, pois, como ele bem afirma: a disciplina por si só não é suficiente é preciso considerar a influência das ciências sociais em que o objeto em estudo está inserido, não perdendo de vista o pluralismo religioso e a historicidade.



## **Experiência religiosa frente a modernidade e o pluralismo religioso: coisas sagradas e coisas profanas**

As experiências religiosas correspondem à vivência de um encontro pessoal com outra dimensão da realidade, ou seja, com o transcendente. Podem se manifestar principalmente nas instituições religiosas visíveis: templos, cultos, ritos, objetos sagrados, etc.

Desse modo entendemos que as coisas sagradas e as coisas profanas se diferem por ser a primeira relacionada as práticas religiosas, objetos, rituais, objetos sagrados e conceitos espirituais, considerados por ter uma conexão com o divino, e a segunda refere-se as coisas mundanas, ou seja, distante do religioso, tudo que refere a comportamentos da sociedade a cada período histórico.

Acerca da religião (ALVES,1999) nos afirma que: “a situação mudou, o mundo sagrado, a experiência religiosa era parte integrante de cada um, da mesma forma como o sexo, a cor da pele, os membros, a linguagem. Uma pessoa sem religião era uma anomalia. No mundo dessacralizado” (ALVES, 1999, p.10)

Diante do exposto pelo autor entendemos que em todos os períodos históricos da humanidade, a religião fez parte da essência do indivíduo, portanto, ela está intrinsecamente conectada ao interior. E num mundo em que a religião é considerada sagrada num contexto social e de extrema importância, uma pessoa sem religião é considerada como uma exceção, ou seja, fora do comum.

Nessa mesma linha de pensamento, (ALVES,1999), ainda aponta que:

As coisas se interverteram. Menos entre os homens comuns, externos aos círculos acadêmicos, mas de forma intensa entre aqueles que pretendem já haver passado pela iluminação científica, o embaraço frente à experiência religiosa pessoal é inegável. Por razões óbvias (ALVES,1999, p.10)

Nas palavras do autor podemos perceber que a experiência religiosa vai muito além da sistematização e explicação científica. Isso não quer dizer que uma se opõe a outra, e sim, se completam, pois à medida que buscamos tanto a explicação científica, quanto a espiritual percebemos que o ser vai se preenchendo, no sentido de encontrar respostas para seus questionamentos de foro íntimo.



Entretanto podemos pensar que a ciência tem uma tendência em focar-se no aspecto objetivo e mensurável, enquanto que a experiência religiosa se conecta com o transcendente atribuindo sentido à existência, ou seja, à vida. Percebemos que há uma certa distância entre o conhecimento científico e a própria experiência religiosa em cada período histórico. Nesse sentido (ALVES, 1999) nos afirma que:

Não é difícil. Não é necessário que o cientista tenha envolvimento pessoal com amebas, cometas e venenos para compreendê-los e conhecê-los. Sendo válida a analogia, poder-se-ia concluir que não seria necessário ao cientista haver tido experiências religiosas pessoais como pressuposto para suas investigações [...] (ALVES, 1999, P.11)

Prosseguindo a nossa reflexão, percebemos nos apontamentos do autor que mesmo havendo distância entre o conhecimento científico e a própria experiência religiosa, não é necessário que os cientistas tenham experienciado uma vivência religiosa para realizar uma investigação acerca de conhecimentos históricos, pois nesse sentido a ciência consegue compreender o mundo natural, baseando-se em evidências empíricas, isso independente de crenças religiosas e investimento nas análises e nas interpretações das vivências.

Assim considerando as divergências entre o campo científico e a vivência religiosa, a primeira está diretamente ligado a objetividade e a segunda à subjetividade, observa-se que é possível reconhecer mudanças na sociedade, as quais evidenciam transformações sociais, nas diversas esferas, tanto política, quanto no campo religioso, as quais influenciaram pensamentos e ações das pessoas em sociedade, modificando a maneira e a necessidade do indivíduo contemporâneo buscar uma religião,

Desse ponto pensamos se a religião se tornou mais desimportante para as pessoas em sociedade e será que elas estão mais distantes dos templos religiosos, experiências religiosas, qual a melhor explicação neste contexto? Nesse sentido (ALVES, 1999) argumenta o seguinte:

Desapareceu a religião? De forma alguma. Ela permanece e frequentemente exibe uma vitalidade que se julgava extinta. Mas não se pode negar que ela já não pode frequentar aqueles lugares que um dia lhe pertenceram: foi expulsa dos centros do saber científico e das câmaras onde se tomam as decisões que concretamente determinam nossas vidas. (ALVES, 1999, P.09)



Sobre o argumento do autor, entendemos que ciência e religião têm abordagens diferentes e ambas possuem peculiaridades, assim o autor não afirmava que a religião deveria ser excluída do saber científico, ao contrário desse pensamento reconhecia a importância da religião na experiência humana. Dessa maneira, percebemos que ambas têm o seu espaço, pois a religião oportuniza a iluminação sobre a condição humana que complementa o conhecimento científico.

Nesse sentido sobre o olhar de (ALVES 1999) compreendemos que a religião não desapareceu e nem desaparecerá, o que se percebe são as mudanças e a percepção da sociedade em cada período e assim com um olhar mais apurado, é possível incorporar novos padrões de pensamento no campo religioso e também no científico.

Ainda sobre o conceito de religião na concepção de (DA MATA, 2013) em sua obra “História & Religião”, diz o seguinte:

Boa parte dos historiadores leva adiante seu trabalho como se a religião não existisse, como se as esferas política, econômica e social não mantivessem com ela qualquer tipo de relação. É um erro. Basta que olhemos à nossa volta. Chegamos ao século XXI sem que nenhuma das previsões sobre o “fim” da religião dê sinais de se confirmar. Renan escreveu em uma de suas obras: “as pessoas religiosas vivem de uma sombra. Nós vivemos da sombra de uma sombra. De que se viverá, depois de nós?” Resposta: de novas sombras, por nós mesmos criadas. (DA MATA, 2013, P.106)

Entendemos desse modo que autor considera também que apesar das mudanças e avanços na sociedade as religiões sempre existiram e continuam a desempenhar uma função significativa na vida das pessoas. Nesse sentido é necessário entender o pluralismo religioso está presente num período histórico em que a modernidade traz a liberdade religiosa numa abordagem respeitosa, ética e inclusiva, promovendo no social a diversidade entre as tradições religiosas.

Enfim para (DURKHEIM, 2000) o conceito de religião é:

“[...] um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem [...]” (DURKHEIM, 2000, p. 32)



Compreendemos que para o autor, a religião não se limita no campo individual das pessoas, ou seja, nas experiências pessoais, e sim percebê-la como um ponto de conexão entre as pessoas, ou seja, um fenômeno social. Assim no âmago da religião estão as coisas sagradas que unem as pessoas em comunidade, em torno de um conjunto de símbolos, atribuindo assim significados para quem busca uma religião.

### **Considerações Finais**

Com esse estudo foi possível aprofundar conceitos acerca do Espiritismo desde a sua gênese, contextos históricos, seu desenvolvimento e expansão, refletimos acerca de alguns conceitos sobre religião na perspectiva dos autores citados, percebemos que esses pensadores reconhecem o papel que a religião desempenha no campo social, criação de valores, ou seja, possibilita a construção de identidades, favorecendo a formação de valores e ética no convívio social. Percebemos que a religião é ressaltada por Hanegraff e Durkheim como um sistema de práticas e crenças que une as pessoas em um meio social.

Ao analisar cada conceito exposto percebemos que o objeto de estudo, o Espiritismo também pode ser compreendido como um sistema simbólico, pois através dos símbolos, rituais, há aproximação entre pessoas e sobretudo com o divino. Desse modo ocorre representações mentais, em um determinado grupo, favorecendo assim a vivência dos seus valores.

A diversidade religiosa é percebida nos escritos de Rubem Alves e Hanegraff, os autores enfatizam e defendem o respeito pelas diferentes tradições religiosas, primam por uma abordagem inclusiva que valoriza a diversidade religiosa num período histórico que se faz presente na sociedade o pluralismo religioso, fenômeno da sociedade moderna.

Percebemos ainda que Hanegraff Wouter, Sérgio da Mata e Emile Durkheim compreendem que objetos sagrados rituais, conceitos simbólicos fazem parte da experiência religiosa e que a isso devemos atribuir significados em todas as religiões e em todo período, contexto e eventos históricos que a humanidade já vivenciou.

Percebemos ainda a criticidade dos autores em relação as abordagens e nos convidam nesse diálogo a repensarmos o papel social da religião na sociedade moderna.



E para finalizarmos esse estudo (DA MATA, 1999) afirma que no campo da religião:

“[...]O historiador não tem de partilhar o mesmo ponto de vista do crente; mas ele deve se esforçar para compreendê-lo caso queira, de fato, penetrar a mentalidade que guiou nossos antepassados e ainda guia tantos de nossos contemporâneos” (DA MATA, 1999, p.126)

Com essas palavras o autor aponta a necessidade de o historiador ser imparcial, desenvolver a empatia para compreender cada crença e seus adeptos no campo da religião, e ainda considerar nesse sentido, a crítica interna e externa, as influências dos contextos históricos, assim desse modo é possível contribuir com uma análise mais precisa e detalhada do fenômeno religioso.

Contudo pudemos perceber que os autores estudados se preocupam em entender a religião no seu contexto social, valorizam a diversidade religiosa, considerando o pluralismo e os novos movimentos religiosos que são frutos da secularização na modernidade, presentes no período pelo qual estamos vivenciando, contexto histórico atual.

## Referências

ALVES, Rubem. **O que é religião?** São Paulo: Loyola, 1999.

BETARELLO, Jefferson et al. Unir para difundir: o impacto das federativas no crescimento do espiritismo. 2009.

DA MATA, SÉRGIO. **HISTÓRIA & RELIGIÃO**. Autêntica, 2013.

DURKHEIM, Emile. **As formas Elementares da Vida Religiosa**, 2000.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA (FEB). **A sede**. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/portal/2022/09/16/sede-em-brasilia/> acesso em: 07/08. 2023.

Federação Espírita Brasileira© Todos os direitos reservados Federação Espírita Brasileira Sede: SGAN 603, Conjunto F Av. L2 Norte Brasília-DF.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA (FEB). <https://www.febnet.org.br/portal/category/a-feb/missao-da-feb> Acesso em 07/08. 2023.

HANEGRAAFF\_-Definindo\_religiao\_apesar\_da\_historia\_2017-libre.pdf



IBGE- <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107-> site visitado dia 22/06/23

KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Tradução de Salvador Gentile. Araras/SP: Ide, 2009.

\_\_\_\_\_. O Livro dos Espíritos (1857). JD Brites, & MC Brites, Trans.) Lousã-Coimbra: Edição-Espiritismo Cultura, 2017.

\_\_\_\_\_. O Livro dos médiuns. Trad. J. Herculano Pires, v. 4, 1861.

\_\_\_\_\_. O céu e o inferno. Trad. J. Herculano Pires, v. 1, 1865.

\_\_\_\_\_. A Gênese, A. Os milagres e as predições segundo o Espiritismo. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, v. 21, 1868.

LEWGOY, Bernardo. **Os espíritos e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista**. 2000. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 2000.

PRESOTI, Vitor Cesar. O Espiritismo no Brasil: breve leitura da entrada e difusão da doutrina no país. **Anais dos Simpósios da ABHR**, 2021.

VILHENA, Maria Ângela. Espiritismos: **Limiares entre a vida e a morte**. 1ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2008